

“SE QUISER EU TE EMPRESTO, MAS DEPOIS ME DEVOLVE?” CONSIDERAÇÕES SOBRE COTIDIANO, POSICIONALIDADE E IMAGINAÇÕES GEOGRÁFICAS

“If you'd like, I'll lend it to you, but give it back after?” Considerations of everyday life, positionality, and geographical imagination

Igor Robaina¹

RESUMO

Por que pensar o cotidiano, a posicionalidade e a imaginação como potencialidades para o pensamento geográfico? Com base neste questionamento central, busca-se por meio deste ensaio e a tentativa de uma construção textual alternativa provocar algumas ideias acerca das relações sociais e a dimensão espacial.

Palavras-chave: Posicionalidade. Pensamento Geográfico. Experimentação.

ABSTRACT

Why should we think of everyday life, positionality, and imagination as grounds for geographic thought? Based on this central idea, this piece provides an alternative textual discussion of social relations and the spatial dimension.

Keywords: Positionality. Geographical Thought. Experimentation.

¹ Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. igorobaina@gmail.com.
✉ Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, ES. 29075-910.

“Se quiser eu te empresto, mas depois me devolve?” Considerações sobre cotidiano, posicionalidade e imaginações geográficas
Igor Robaina

“Se nós não pudermos imaginar o impossível, os nossos mundos, tanto particulares como os coletivos, seriam muito pobres”

Lowenthal (1982, p. 120)

Enquanto lavo a louça e realizo outras atividades domésticas tento reunir algumas ideias para escrever este texto. De fato, além de professor universitário e pesquisador na área de geografia, também sou marido e pai de uma filha recém-nascida. De fato, tenho dormido pouquíssimo e além das atribuições acadêmicas e da paternidade, realizo cada vez mais atividades domésticas como parte desta empreitada. Assim, aquela imagem de um intelectual sentado em um gabinete fechado, acusticamente protegido e escutando somente a sua própria respiração parece não se enquadrar neste caso.

Neste momento, existem livros na cozinha ao lado de um saco de pão; na sala, mais especificamente sobre a poltrona também estão alguns exemplares e um carrinho de bebê; assim como, um computador ligado com alguns arquivos digitais abertos e um caderno de notas que eu já perdi pela casa inúmeras vezes. O choro da bebê e a minha preocupação com este novo ser é uma constante nesta minha nova fase da vida.

Estas questões pessoais que parecem não fazer sentido academicamente servem como disparadores para pensarmos o cotidiano, a posicionalidade e o imaginário como aspectos que envolvem a produção humana do conhecimento geográfico. De fato, neste pequeno movimento intelectual que parte centralmente da minha posição no mundo não trataremos de reflexões sobre terras distantes, de configurações clássicas da geopolítica ou da cristalização das representações por meio de grandes quadros ou paisagens geográficas. Apesar de reconhecer a importância destes temas e dos

lugares de importância que possuem para este campo disciplinar tratarei de algo que se aproxima da ideia de uma microgeografia, ou seja, de aspectos que compõem a vida cotidiana das pessoas entendidas como sujeitos, especialmente por meio das suas interações, percepções, concepções e múltiplas trajetórias e coexistências. Enfim, esta reflexão se caracteriza como uma espécie de exercício e, ao mesmo tempo, um devaneio diante das mudanças pessoais que venho atravessando nos últimos tempos e possui como objetivo a demarcação de um registro e impressões de posições e pensamentos acerca do conhecimento geográfico, aqui indissociado entre a minha posição como geógrafo e a minha condição como sujeito neste mundo.

Deste modo, me posiciono também diante de algo que parece não ser difícil de justificar: a impressão que muitas reflexões geográficas - mas isto não se restringe somente ao nosso campo do conhecimento acadêmico - parecem estar totalmente distantes e deslocadas das escalas que envolvem a complexidade da vida humana na terra. Estas geografias, apesar de abordarem os campos e as cidades que são habitadas e produzidas pelos sujeitos e possuem como justificativa moral, a busca por uma generalização que possa dar conta da totalidade do mundo - como se isso fosse possível - muitas vezes se lançam no vazio, pois não conseguimos ver nada além de ideias que sequer tangenciam qualquer aspecto das vidas que animam este planeta e desprezando a riqueza da vida social, suas diferentes escalas e toda a sua dinâmica cotidianamente.

Neste sentido, o cotidiano se apresenta como uma possibilidade para pensarmos outras escalas e espacialidades. Diferentemente das críticas que envolvem esta noção e que usualmente as depreciam como banal, o cotidiano está longe de ser trivial, pois parece que ainda sabemos muito pouco sobre os modos como as pessoas organizam as suas vidas, sobretudo, geograficamente. De fato, estamos diante

“Se quiser eu te empresto, mas depois me devolve?” Considerações sobre cotidiano, posicionalidade e imaginações geográficas
Igor Robaina

da complexidade que envolve a heterogeneidade da espacialidade humana, ou seja, da incrível diferenciação das capacidades e possibilidades humanas de habitar e dar sentido diariamente à vida e ao mundo, por mais adverso ou estranho que isto possa parecer em relação ao nosso olhar sobre determinados grupos e segmentos populacionais em algumas áreas distantes, bem como, pela nossa presunção em achar que conhecemos perfeitamente aquilo que está próximo de nós.

Estas questões que envolvem práticas, comportamentos e significados nas mais diferentes esferas da vida, envolvendo contradições, solidariedades, conflitos, negociações e ambiguidades de modo coexistente e indissociável se torna um desafio e assusta academicamente aqueles que buscam permanentes cristalizações e determinações das relações sócio-espaciais. Neste sentido, não estamos negando a existência de possíveis tendências e padrões que envolvam o cotidiano e a dimensão espacial da ordem do mundo, mas é preciso cautela, principalmente, no sentido de identificar e compreender os diferentes aspectos que fazem parte destas dinâmicas, e principalmente, em seus respectivos contextos.

Além disso, pensando nas múltiplas relações entre a geografia e o cotidiano, também é válido destacar a importância das temporalidades e dos ritmos, bem como, das extensões, das fronteiras e dos limites, pois estes participam diretamente destas geografias. Estes movimentos analíticos possibilitam revelar novas aberturas teóricas e metodológicas, permitindo uma expansão temática para o campo disciplinar, abarcando desde os mitos até as questões geopolíticas trabalhadas sob outros prismas, escalas e recortes espaciais.

Assim, estamos falando de colinas e lagos, de praças, ruas e monumentos, mas também calçadas, esquinas e outras morfologias que não temos controle ou capacidade de determinar a priori, pois

é neste mundo que envolve agência e estrutura que os sujeitos se organizam geograficamente, seja por meio das suas necessidades, seja por meio dos seus desejos e outras emoções, mobilizando assim, suas espacialidades cotidianas.

No entanto, cabe uma espécie de advertência para aqueles que optam por inserir o cotidiano em suas reflexões geográficas. Do mesmo modo depreciativo daqueles que a refutam como uma possibilidade analítica existe o risco de produzir uma generalização desta noção como algo irrestrito, se valendo de utilizá-lo sem maiores rigores e métodos, portanto, matando sua riqueza e justificando as próprias críticas².

Ainda acerca do cotidiano e das questões apontadas anteriormente, também é preciso apontar que não estamos diante de uma noção pura, mas sim, de uma ideia que acompanha outros aspectos que compõem a organização da vida e a existência das pessoas, dos grupos e dos segmentos que marcam as suas origens e trajetórias neste mundo. Neste sentido, a posicionalidade se apresenta como elemento fundamental para as análises geográficas.

Parece não ser novidade para os geógrafos que a implantação ou retirada de um novo objeto, bem como, a permanência ou saída de um sujeito ou grupo pode reconfigurar todo um arranjo e situação geográfica em um dado recorte sócio-espacial. Entretanto, sem desprezar a importância da dimensão material e da própria ideia de estrutura é fundamental refletir em como as intersubjetividades participam na construção do mundo e como estes contornos se convertem diretamente em aspectos que participam do cotidiano e de sua dimensão espacial.

² No caso específico das minhas análises, tenho pensado geograficamente a noção de cotidiano a partir de três categorias espaciais, que são: a **mobilidade**, a **permanência** e os **ritmos**. Para maiores detalhes ver Robaina (2015).

“Se quiser eu te empresto, mas depois me devolve?” Considerações sobre cotidiano, posicionalidade e imaginações geográficas
Igor Robaina

Como pesquisadores, também enfrentamos uma série de desafios para realizar as nossas investigações, mas isto se apresenta em outras dimensões da vida, para além da produção do conhecimento científico, pois esta é somente uma parte daquilo que nós somos como sujeitos neste mundo.

Assim, a complexidade que envolve as relações sociais e a nossa posição no mundo é marcada processualmente por questões ambientais, étnico-raciais, de gênero, de sexualidade, de classe e de origem geográfica. Estes seis componentes, por exemplo carregam força significativa para pensarmos geograficamente as nossas vidas e práticas como pesquisadores, bem como, sujeitos de um modo em geral neste mundo. De fato, estes elementos que não são os únicos, pois existem inúmeros outros que participam destas dinâmicas. De todo modo, independente de quais sejam, os mesmos não devem ser pensados de maneira estanques, isolados ou cristalizados como categorias de análise.

Destemodo, não podemos desprezar a localização e este emaranhado de variáveis que se sobrepõem como elemento da posicionalidade. De fato, esta não é uma questão simples, pois os modos como se organizam as vidas geograficamente, nas diferentes camadas, escalas e marcas que podem carregar, inclusive, ambiguidades e contradições podem revelar questões para além de simplórias binaridades, como por exemplo, relacionadas a ideia de centro-periferia.

No meu caso em especial, apesar de ter nascido em uma grande metrópole brasileira e na região mais rica do país, o conjunto das minhas referências da infância e da adolescência são da periferia e marcadas pela pobreza, pois foi lá que iniciei a minha construção de mundo. Do mesmo modo, como geógrafo eu não posso esquecer que sou brasileiro no contexto sul-americano, mas ao mesmo tempo

reconhecendo o que significa estar nesta região do mundo para pensar a lógica de produção e difusão do conhecimento científico globalmente.

O fato é que para aqueles que acreditam na força da posicionalidade como componente da produção do conhecimento científico, a ideia de ruptura locacional absoluta parece fazer pouco sentido, assim como, na crença da existência de uma neutralidade, e de um distanciamento em um não-lugar hermeticamente protegido da ciência e do cientista, bem como, as possibilidades de reflexões para além da binaridade sujeito-objeto. Neste sentido, a posicionalidade é ao mesmo tempo, uma construção histórica, marcada por uma série de aspectos sobrepostos e de uma demarcação por meio da imaginação.

Não podemos esquecer o lugar das imagens e da imaginação como fundamento geográfico e tudo aquilo que envolvem as escolhas, critérios e direções que estabelecem os nossos enquadramentos neste mundo. Como lidamos geograficamente com o desconhecido e a nossa incapacidade em relação a complexidade e a grandeza do mundo? Do mesmo modo, como lidamos com aquilo que nos parece ser familiar? Estamos falando das nossas imaginações sobre as residências de nossa vizinhança que nunca entramos, de espaços que não frequentamos em determinados períodos do dia e até mesmo, de bairros da cidade adjacentes aos nossos que sequer visitamos algum dia. Deste modo, construímos nossas referências geográficas com base em outras narrativas, imagens e recursividades que produzem e reforçam estereótipos e marcas espaciais. Estamos falando de bairros da elite ou da periferia, de favelas ou de elementos morais que estão ou estiveram presentes neles em algum momento, como por exemplo, a prostituição, o tráfico de drogas ou a presença de um lixão.

Estas questões que parecem carregar objetivamente um fortíssimo efeito sobre as mobilidades e permanências espaciais dos sujeitos, podem por um lado, atrair e intensificar as relações, mas por outro,

“Se quiser eu te empresto, mas depois me devolve?” Considerações sobre cotidiano, posicionalidade e imaginações geográficas
Igor Robaina

dificultar ou impedir estas dinâmicas sócio-espacialmente, fazendo, inclusive, com que os sujeitos entendam estes espaços como proibidos ou interditados cotidianamente.

Estamos falando de visões de mundo, de ponto de vistas, ou seja, como construímos todo um conjunto complexo de relações geográficas, incluindo com as outras pessoas deste mundo. Estamos diante da reflexividade, ou seja, como imaginamos e vemos outros sujeitos, segmentos e grupos, bem como, isto também é produzido sobre nós. Esta questão participa diretamente dos processos que envolvem as pesquisas qualitativas e o trabalho de campo em geografia. Não é incomum surpreender-se em relação aos resultados e aos juízos de

valor que determinados sujeitos, segmentos ou grupos possuem em relação ao mundo, aos outros e a si mesmos.

Em busca de uma parada, sobretudo, por não acreditarmos em um saber absoluto e muito menos terminado, ao mesmo tempo, por não saber mais para onde este primeiro texto pode me levar, bem como, quais trajetórias que serão produzidas pelos próprios leitores e o que farão com e a partir dele. Acreditando nas potencialidades do cotidiano, da posicionalidade e do imaginário para a abordagem geográfica deixo também este segundo texto de natureza distinta e espero que no conjunto maior possam surgir novas aberturas, diálogos e rebatimentos. E assim, buscando um fechamento provisório e retomando ao título do texto...

Ainda bem que acabou! Arrumo as minhas coisas, saio do prédio, caminho no mesmo lado da calçada e depois de alguns minutos chego ao ponto. Depois de vinte minutos observando a movimentação de chegadas e saídas, somente o meu ônibus ainda não passou. Fico ansioso, me pego mexendo as pernas e realizo uma respiração profunda. Vejo lá depois do sinal e com o fluxo do trânsito já lento, aponta lá no fundo, os números que eu esperava. Alegro-me como estivesse acertado na loteria! Apesar disso, eu não sou o único, pois além de mim, outras pessoas já iniciaram uma movimentação para poder ingressar no coletivo e ter alguma sorte de irem sentados. De fato, no “período de rush”, os ônibus não param exatamente nos locais determinados e é preciso realizar uma espécie de previsão, contando com alguma destreza e um pouco de sorte. Os outros ônibus, o semáforo e o engarrafamento são variáveis que podem fazer com que a parada seja alterada alguns metros de distância. Isto afetará decisivamente o meu tempo de entrada no ônibus em relação aos outros passageiros e, principalmente, em relação a disponibilidade das possíveis vagas existentes. Diante da emergência de uma tomada de decisão, eu faço uma aposta e me posiciono a uns cinco metros depois do ponto. Dou sorte e o ônibus faz

“Se quiser eu te empresto, mas depois me devolve?” Considerações sobre cotidiano, posicionalidade e imaginações geográficas
Igor Robaina

um corte repentino, avança o ponto e para alguns metros a frente. Entro sem maiores dificuldades, apesar de algumas pessoas saírem correndo, me ultrapassando e desrespeitando uma ideia de fila ou de ordem imaginária que poderia existir na minha cabeça. Após a entrada e o pagamento da passagem, inicio o olhar em torno dos possíveis assentos disponíveis. Passando pela roleta vejo que já havia duas pessoas que não estavam sentadas, logo pensei que teria que realizar o retorno em pé. Eis que caminhando até o final do corredor observei uma única vaga atrás dos bancos mais altos no fundo do ônibus. Havia uma senhora que impedia a minha entrada e pedi licença. Ela girou o corpo em silêncio, entrei espremido e me sentei rapidamente. O sentimento de alívio foi imediato, mas ao mesmo tempo rondava uma preocupação moral com a possível entrada de um idoso, de uma mulher grávida, com uma criança no colo ou um portador de necessidades especiais. Simplesmente fechei os olhos e procurei dormir. Com o cansaço de uma longa jornada de trabalho não tardou muito para isto acontecer. Todavia, dormir no ônibus é um sono diferente, é um dormir em movimento. É um vendedor que entra oferecendo o seu produto, um passageiro que resolve pregar o evangelho e o fim dos tempos, é uma buzina repentina ou uma moto que passa estridente em meio aos carros, são as conversar paralelas que surgem espontaneamente no interior do ônibus, um apito da autoridade do trânsito, celulares que tocam, freadas bruscas e as inúmeras paradas nos pontos. Parece que o próprio ônibus se converte em cidade! Apesar de sentado e com os olhos fechados temos a sensação que sabemos tudo o que está acontecendo ao nosso redor e, de algum modo, até mesmo onde o ônibus está em seu próprio percurso. Assim, como se tivesse dormido uma eternidade, desperto exatamente um ponto antes da minha descida. Eu não tenho ideia de como faço isto, mas agradeço e fico imaginando tristemente se eu tivesse acordado no ponto final. Já não é mais aquela senhora que está ao meu lado, mas isto não importa mais. Peço licença, levanto e caminho tentando não encostar nos demais passageiros que ainda estão em pé. Chego até a porta localizada no centro do veículo. A porta se abre e salto com o ônibus ainda em movimento. Coloco a mochila nas costas, ajeito as calças e sigo andando pela calçada novamente. A primeira coisa que vejo é o velho grafite descascado de um olho gigante que está em uma parede curva da esquina. Ele nunca deixa de me observar quando eu passo. É

“Se quiser eu te empresto, mas depois me devolve?” Considerações sobre cotidiano, posicionalidade e imaginações geográficas
Igor Robaina

mais forte que eu e acabo voltando o meu olhar mais uma vez. Giro à direita. O barulho de metal das lojas fechando é mais um indicativo que reforça o fim de uma jornada. Mais em frente, vejo uma pessoa de costas revirando o lixo deixado pelo comércio local que ocupa parte da calçada e parte da rua. Passo pelo canto tentando não ser notado por ela. O constrangimento toma conta de mim e não tenho coragem sequer para me virar e ver o seu rosto. Não sei se é um homem, uma mulher ou a sua idade aproximada. Em meio a angústia e a vergonha por não ter feito nada diante daquela situação, me defronto com um grupo de adolescentes uniformizados, que pulverizam o meu sentimento de injustiça social e me transportam instantaneamente com as suas gargalhadas para outro espaço-tempo da minha vida. Este que não pode ser experienciado a não ser pela memória. Conforme vou passando por eles, não vejo mais suas bocas sorridentes e a minha adolescência vai voltando pro lugar de outrora. Seguindo pela rua principal preciso tomar outra decisão: opto pelo caminho mais longo de subidas leves e meandrantas ou pelo atalho de uma escada íngreme? É melhor não pensar muito. Simplesmente coloco o meu pé direito e subo o primeiro degrau. Paro, olho para o alto e vejo que por algum motivo outras pessoas também tomaram a mesma decisão. Elas sobem lentamente, mas algumas já estão sentadas tentando retomar as forças para seguir. Será que eu devo iniciar a contagem? Eu sempre conto o número de degraus que esta escada possui, mas curiosamente eu também sempre esqueço. Será que deveria ter uma placa indicando o número de degraus em cada uma das escadas do mundo? Não. É melhor que continue assim. Apesar de cansativo, venço rapidamente a topografia e chego ao topo, deixando algumas daquelas pessoas para trás. Estou com a camisa bastante suada. Agora, depois de alguns passos estou diante da praça que foi a principal referência da minha infância. Mesmo não existindo mais os brinquedos de pendurar e balançar, eu reconheço exatamente a antiga posição de cada um deles e os circuitos que eu realizava quando minha mãe me levava para brincar. O próprio tamanho já não parece ser o mesmo. Hoje, parece ser muito menor! Em meio a esta reflexão dos possíveis motivos que envolvem o tamanho dos lugares, o tempo e os significados das nossas vidas, não me dei conta dos passos que dava e quando percebi já estava em frente ao churrasquinho do Zé. Cheguei mais próximo dele, toquei em seu ombro e sentei em um banco de plástico já rachado. Ele

“Se quiser eu te empresto, mas depois me devolve?” Considerações sobre cotidiano, posicionalidade e imaginações geográficas
Igor Robaina

colocou um churrasquinho misto, abriu o isopor e me passou uma cerveja como de costume. Abro a lata e dou um gole, mas a cerveja não estava tão gelada como eu gostaria. Olho para o horizonte de maneira desatenta, abstraído pelo nada. Não há foco, somente uma sensação de desapego, quase como uma forma de entorpecimento. Quando novamente, quase que de modo involuntário meu olhar ganha foco e me direciona para o mercadinho. Será que me pediram pra comprar alguma coisa? Eu não me recordo se foi hoje, ontem ou na semana passada. Pego o celular e procuro nas mensagens, mas não encontro nada. Penso em ligar para casa, permaneço uns três segundos em indecisão, mas acabo por desistir. Já comi o churrasquinho todo, mas ainda têm uns dois dedos no fundo da lata que já não me apetece. Levanto-me e a jogo no latão de lixo. Puxo a carteira, pago o valor exato com uma nota e quatro moedas e vou embora. Já estou na minha rua e a jornada parece estar perto do fim. Deparo-me com uma vizinha de porta, a cumprimento com um sorriso e atravesso a rua. Um cheiro de feijão cozido cruza a minha trajetória e mais alguns passos estou em frente ao portão. Coloco a mão no bolso esquerdo e tiro o molho de chaves, mas antes de iniciar o movimento, a porta se abre e recebo a seguinte pergunta: você trouxe aquilo que eu lhe pedi? ☹

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **A terra e o devaneio da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaios sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAILLY, A. Lo imaginário espacial y la geografía: en defensa de la geografía de las representaciones. **Anales** de Geografía de la Universidad Complutense de Madrid, Madrid, n. 9, p. 11-199, 1989.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora UFSC, 1999.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. São Paulo: Contexto, 2010.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- FARINELLI, Franco. **A invenção da terra**. Trad. Francisco Degani. São Paulo: Phoebus, 2013.
- FARINELLI, Franco. A propósito de la imaginación geográfica: una historia breve y recursiva. In: LLADÓ, Bernat. **Del Mapa al laberinto**. Barcelona: Icaria Editorial, 2013.

“Se quiser eu te empresto, mas depois me devolve?” Considerações sobre cotidiano, posicionalidade e imaginações geográficas
Igor Robaina

GOMES, Paulo. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GOMES, Paulo. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Paulo. **Quadros Geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017

GOMES, Paulo; BERDOULAY, Berdoulay. Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. **Cuadernos de Geografía**: Revista Colombiana de Geografía, v. 27, n. 2, p. 356-371, 2018.

GREGORY, Derek. **Geographical Imaginations**. Cambridge: Blackwell Publisher, 1994

KATZ, C. Playing the field: questions of fieldwork in geography. **Professional Geographer**, v. 46, n. 1, p. 67-72, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **Critique of everyday life**. London/New York: Verso, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madrid: Alianza, 1980.

LINDÓN, Alícia. Los imaginarios urbanos y el constructivismo geográfico: los hologramas espaciales. **Revista Eure**, Santiago de Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, v. XXXIII, n. 99, p. 31-46, 2007.

LINDÓN, Alícia. La espacialidad de la vida cotidiana: hologramas socio-territoriales de la cotidianidad urbana. In: NOGUÉ, J.; ROMERO, J. (Org.). **Las otras geografías**. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006. p. 425-445.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p.103-141.

MASSEY, D. A mente Geográfica. **Revista Geographia**, v. 40, n. 18, p. 36-40, 2017.

MASSEY, D. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ROBAINA, Igor. O trabalho de campo como um lugar em processo: experiências de uma pesquisa geográfica com a população em situação de rua numa grande metrópole. **GEOUSP: Espaço E Tempo (Online)**, v. 22, n. 1, p. 241-256, 2018.

ROBAINA, Igor. **Entre mobilidades e permanências**: uma análise das espacialidades cotidianas da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, v. 21, n 3, p. 305-320, 1997.

TUAN, Yu-Fu. Los Buenos hedarán la tierra. **Revista de Geografía Espacio**. v. 2, n. 1, p. 99-118, 2011.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. XXXVII, n. 1, p. 1-15, mar. 1947.

Recebido em Fevereiro de 2019.

Revisado em Março de 2019.

Aceito em Abril de 2019.